



Paris — Janeiro 1916

Dia 8

Meu Querido Amigo,

Você cada vez me faz mais falta! E custa-me tanto o seu silêncio — tanto!... Bem sei compreender a sua falta de coragem em me escrever. Mas agradecia-lhe infinitamente. Tenho tantas saudades da sua Alma — a sua alma toda em Oiro! Que pena! Que pena! A linda rápida semana que passei com o Carlos Franco! <sup>121</sup> Como ele é da sua raça — da Nossa Raça! Que pena! Que pena! Com o mesmo correio envio ao Pessoa uma carta que o Franco me escreveu <sup>122</sup>. Que admirável coisa! Genial, você verá. O Pessoa deve-lha mostrar, pois assim lhe recomendo. Se ele se esquecer — que se não esquece — lembre-lho você. O Homem Cristo Filho <sup>123</sup> soube da minha estada em Paris, averiguou muito amavelmente, o meu endereço escrevendo ao Carlos Ferreira — que ele não conhece — a perguntar-lho. Fui a casa dele. Está em Paris desde Outubro. Casa chic: 19 Rue Théodore de Banville: ascensor, chauffage central e telefone... Sempre com a mesma linha. Admirável! Falámos de você muito. Ele mostrou a *Contemporânea* <sup>124</sup> a várias pessoas que lá estavam. Um advogado belga achou a sua revista uma coisa primorosa — e todos os outros circunstantes a mesma coisa. Enfim, você esteve ali connosco. Enviei outro dia o *Céu em Fogo* ao H.C. Acusando a sua recepção ele diz-me que acha muito bela a sua capa. Na próxima quinta-feira tornarei a estar com ele. Junto mando-lhe um postal que, por curioso,

me enviaram da livraria. Você pode guardá-lo. O Ferreira da Costa <sup>125</sup> fez um retrato do Carlos Franco que deve sair, em capa, na *Ilustração Portuguesa* <sup>126</sup>. O retrato — como semelhança — ficou óptimo. Quisera dizer-lhe um mundo de coisas mas limito-me a enviar-lhe toda a minha saudade e toda a minha Alma num grande, grande abraço.

O seu

Mário de Sá-Carneiro

29 Rue Victor Massé

Escreva!

Suplico-lhe!

Saudades a Viana, Rodrigues Pereira <sup>127</sup>, Almada, Rui Coelho <sup>128</sup>, Soares <sup>129</sup>, etc., etc.

54

Paris — Fevereiro 1916

Dia 12

Meu Querido Amigo,

Eu não compreendo o seu silêncio. Por muito aborrecido que o meu caro José Pacheco ande — não se admite a sua falta completa de notícias. Há longos meses que não tenho o prazer de ler uma linha sua!!! Tenho escrito pouco, claro, mas só por o meu amigo nunca me responder. Se continua o seu silêncio, fico muito triste — pois creio, ainda que